

20 AGO 1988

ANC P11 JORNAL DO BRASIL  
**Evangélicos na Câmara**

*Lysâneas Maciel*

**A** celeuma provocada pela publicação de Teódomiro Braga no JORNAL DO BRASIL de 07/08/88 nos leva à necessidade de colocar alguns pontos que nem sempre chegam ao conhecimento das pessoas que não estão muito familiarizadas com o mundo protestante, ou evangélico, como somos identificados. O espaço não permite falar sobre as diferenças entre as denominações e as seitas e nem esclarecer como têm evoluído em sua trajetória brasileira. Mas é preciso esclarecer porque alguns não estão incluídos nas listas e são separados sob o rótulo de progressistas.

— A leitura que fazemos dos evangelhos não deixa margem a dúvidas quanto ao significado de todo o texto sagrado, tanto do Velho como do Novo Testamento, em relação aos oprimidos e os despossuídos. O compromisso dos profetas do Velho Testamento com aqueles que eram vítimas do abuso dos poderosos é inequívoco. A frase tão conhecida: "Ouvi o clamor do meu povo", na concepção do profeta não significava somente a preocupação com a salvação de almas mas a necessidade de afastar a opressão e a exploração. Vários estudiosos do protestantismo latino-americano chamam a atenção para o fato de que seus fiéis não conseguiam distinguir a mensagem do evangelho daquela do *american way of life*. Portanto não deve causar estranheza a ligação de boa parte do protestantismo com aquela dos missionários, conservadora e ao mesmo tempo defensora dos pressupostos capitalistas.

Na concepção de vários teólogos contemporâneos a trajetória do Cristo implica a luta concreta contra todas as formas de dominação. Não podemos, pois, concordar com a submissão covarde em face dos poderosos. Em certo sentido, pode-se dizer que os conservadores e os tradicionais têm confundido com frequência *autoridade* com *poder*, matéria sobejamente discutida pelos pensadores protestantes desde a Reforma até os dias de hoje. Esta é uma discussão ampla, mas basta apontar para o fato, lamentavelmente comum, de um tirano ocupar o poder. O que falta à atual reflexão dos conservadores é a distinção entre poder e autoridade.

2 — É óbvio que existem por parte do governo tentativas de cooptação dos evangélicos no Congresso. Ainda está em processo acelerado a política da troca de

cargos e verbas por favores para sensibilizar os fisiologistas de quaisquer matizes.

Além disto, alguns sociólogos e antropólogos da religião têm denunciado certas organizações internacionais, como a seita do Rev. Moon (o coreano que está sempre às voltas com o fisco americano), que invadem a América Latina financiando organizações religiosas para assumirem posições conservadoras, como a Causa, por exemplo. Tudo isto com a falaciosa bandeira de que são apolíticos e que cuidam somente das questões do espírito e da alma. Nada mais propício, portanto, para a implantação de uma prática política conservadora.

3 — Cremos que, de maneira proposital, várias declarações são feitas à imprensa no sentido de colocar as divergências existentes entre os evangélicos como sendo um conflito a mais entre esquerda e direita. Nada mais equivocado e maldosamente intencional. Isto é feito para obscurecer o fato de que, em determinado momento de sua história, algumas igrejas se esqueceram de sua missão social, econômica e política. Digo isto não para recusar rótulos que não me assustam, mas para evitar distorções que uma simplificação excessiva provoca, como é o caso específico, obscurecendo a compreensão do fenômeno religioso em todas as suas implicações e nuances. O conhecimento da religiosidade requer maior refinamento e cuidado, uma vez que trata da busca da compreensão e do sentido da própria existência. Queiram ou não reconhecer, a religião tem sido, através dos séculos, a maneira mais bem-sucedida de fornecer significado à vida dos vastos setores da sociedade, por mais tempo.

Assim, não podemos aceitar este empobrecimento de caracterização, porque na verdade aqueles que o fazem propiciam a insinuação de que não somos evangélicos, não somos cristãos. Mais uma vez, na história da igreja, alguns setores, principalmente aqueles ligados ao poder, querem determinar quais são os "salvos" e quais são os "pecadores".

Com isto queremos repudiar com veemência a tentativa de exclusão dos setores progressistas quando se trata de descrever o que são e quem são os evangélicos e, consequentemente, minimizar os efeitos do que dizem, em nome, também, da Igreja evangélica. O que, aliás, nos coloca em boa posição para evitar as negociatas e os fisiologismos.

*Lysâneas Maciel é deputado federal (PDT-RJ)*